

Moreno e Andrada:

Intelectuais, indivíduos políticos e representantes de suas sociedades.

HILTON MELIANDE DE OLIVEIRA*

O estudo do político e suas questões, cada vez mais, ganham espaço e importância, relacionando perspectivas que se complementam para a compreensão do indivíduo e de suas relações frente à sociedade e seus representantes. Logo, a política é uma das diretrizes para o entendimento do homem, suas escolhas, interesses e seu tempo e é nas relações entre os homens que a política encontra seu fim. (ROSANVALLON, 1995: 9-22)

Portanto, ao estudar certas sociedades, como no trabalho proposto, a brasileira e a sociedade referente ao Cabildo de Buenos Aires, deparou-se com agentes específicos que representaram uma determinada sociedade, com suas escolhas e definições políticas, demarcando assim, certos aspectos de sociabilidade que contribuem para o entendimento em questão.

No contexto trabalhado, a perspectiva proposta por Marc Bloch de História Comparada é fio condutor para o entendimento de duas sociedades vizinhas que apresentam semelhanças e diferenças frente a seus projetos políticos de acordo com um determinado corte cronológico proposto. (BLOCH)

Desta forma, propõem-se elaborar uma discussão entre dois intelectuais, representantes políticos, enfocando suas idéias e trajetórias de vida. Seu estudo representa o entendimento de certa parcela das sociedades em questão, apresentando, em parte, a necessidade de um caminho prosopográfico de análise.

Antes de se trabalhar a importância de Mariano Moreno e Antonio Carlos Andrada, desponta a necessidade de apresentar o período histórico em que os dois representantes se inserem, legitimando sua importância e representatividade frente às elites políticas desse mundo iberoamericano.

O divisor de águas para a questão política no novo mundo é o ano de 1808. Para Portugal, a não adesão do Bloqueio Continental e a invasão das tropas franco-espanholas, fizeram com que o Príncipe Regente D. João, optasse por uma antiga

* UERJ. Doutorando. Bolsista – FAPERJ.

alternativa de transferência da Corte portuguesa para sua principal colônia, o Brasil, com o intermédio e a proteção inglesa. Essa iniciativa além de proteger a monarquia lusa trouxe importantes mudanças para o *Status quo* vivido no Brasil. O espaço colonial brasileiro foi aos poucos sendo transformado no espaço político da metrópole.(DIAS, 1972:160-184)

No caso espanhol, com a invasão das tropas francesas em seu território, seguido pela conquista de Madrid e da abdicação forçada de Carlos IV e de seu filho Fernando VII, os antigos laços entre a Espanha e suas colônias americanas, foram desgastados.

Num primeiro momento pode-se observar o ano de 1808, como fundamental para a criação de novos espaços políticos na iberoamérica, guardando a semelhança das causas que levaram a tais mudanças, mas permitindo uma diferença de projetos. Enquanto o Brasil continuava a manter certos vínculos com a metrópole na esfera política, já que seus representantes reais aqui se instalaram, na América espanhola ocorreu uma cisão, e a construção de sistemas autônomos de governo, através de repúblicas representativas, colocando assim em xeque a antiga legitimidade política. (CHIARAMONTE, 2004: 59-89)

A especificidade de Buenos Aires frente às questões referentes à legitimidade política e seu processo de emancipação, pode-se afirmar que ocorreu antes graças às invasões inglesas de 1806 e 1807. A Inglaterra invadiu o Vice-Reino do Prata em 26 de julho, apossando-se da cidade de Buenos Aires, o que levou aos movimentos de militarização compostos por espanhóis e crioulos que buscavam o fim do domínio inglês, o que surtiu numa rápida militarização da sociedade rio-platense e, por conseguinte, na própria crise da legitimidade da ordem colonial, com à crescente autonomia do Cabildo de Buenos Aires, após o fim da invasão inglesa.

Assim em 1810, Buenos Aires partilha de uma experiência política que marcava sua autonomia. O Vice-Rei da época, Cisneiros, que representava a região do Prata foi destituído, estabelecendo de forma interina o Cabildo de Buenos Aires como encarregado de governar as demais províncias da região. No dia 25 de maio de 1810 foi organizada uma assembléia política formada pelos principais moradores da cidade cujo intuito foi de nomear uma junta autônoma de governo, presidida por Cornélio Saavedra, comandante do Regimento de Patrícios das Milícias. Contrariando a decisão das demais cidades americanas que aderiram ao movimento das juntas autônomas de governo,

Buenos Aires não seria mais governada por um representante do antigo poder colonial. (CHIARAMONTE, 2004: 59-89)

Nesse processo de transformações políticas em que reformulações administrativas são estabelecidas despontam os indivíduos em questão. Tanto Mariano Moreno quanto Antonio Carlos de Andrada fizeram parte do cenário político da época, possuíram expressão, e, portanto imortalizaram-se através de seus atos e de reflexões de seus pares, foram retratados, reconstruídos, criticados e tidos como heróis ou vilões de acordo com quem escrevia, porém, ao receberem destaque demonstraram sua importância para a vida política de Buenos Aires e do Brasil no início dos oitocentos, como agentes políticos.

Mas quem foram estes homens? Quais suas escolhas e crenças? Como atuaram? Antes de entrar em tais pontos de discussão, deseja-se frisar que tal estudo apresenta-se ainda de forma inicial, principalmente no que diz respeito a Antônio Carlos de Andrada, o qual, não foi encontrado uma biografia específica, dificultando seu estudo direto, mas que ao mesmo tempo traz um maior interesse e importância em refleti-lo como agente político.

Acredita-se que certos motivos levaram a não construção de trabalhos específicos sobre Antônio Carlos, o mais relevante é o fato de ter ocupado papel secundário na vida política, por ser irmão de José Bonifácio, que é visto como estrela de primeira grandeza pelos estudiosos da política imperial, e por estar associado sempre a influência, tutela e importância do irmão ilustre. Assim, o principal referencial foi a *Galeria dos Brasileiros Ilustres*, que aborda de forma sucinta a figura de Antônio Carlos de Andrada.

Moreno pelo contrário possui uma profusão de estudos e de admiradores é visto como um dos principais ideólogos da Revolução de Maio, que visava e levou ao processo de emancipação política, primeiramente de Buenos Aires e depois da própria constituição de Argentina, como se é apontado em todas em várias obras lidas referentes ao processo político de emancipação política do Cabildo de Buenos Aires que retratam a importância de Moreno, e, portanto contribuem para a composição de sua personagem política.

Mariano Moreno nasceu em 23 de setembro de 1778, filho de Ana Maria Valle e Don. Manuel Moreno y Argumosa, que tiveram quatorze filhos, sendo que somente oito

sobreviveram e Mariano foi o mais ilustre. Don. Manuel Moreno era espanhol, era *burocrata honesto* no Tribunal de Cuentas, Ana Maria era nascida na Região do Prata, o que fazia com que Mariano não fizesse parte de uma elite criolla descendente direta de espanhóis, pois sua mãe já era criolla nascida no novo mundo e, assim, ocuparia um lugar secundário na ordem social do mundo hispanoamericano.

No entanto, sua condição de origem foi compensada com seu brilhantismo intelectual e com os princípios morais passados pelos pais. Interessante notar o caráter messiânico apontado para Mariano, o que se torna fácil compreender, pois além de se tratar de figura de grande expressão seu primeiro biógrafo e mais ferrenho seguidor foi seu irmão Manuel Moreno. Quanto às primeiras letras Moreno estas foram feitas no Real Colegio de San Carlos, junto com a maioria dos revolucionários de Maio como Cornélio Saavedra, Bernardo Monteagudo, Juan Martín de Pueyrredón.

Seus pais desejavam que Mariano se ordenasse padre, sendo o mesmo criado em um ambiente de grande religiosidade, outro fator que aproxima a religião a Mariano e destacado na figura de seu grande mecenas, um eclesiástico Doutor Felipe Iriarte que investe na formação acadêmica na Cidade de Chuquisaca, no alto Peru.

Na universidade teve contato com o pensamento ilustrado contractualista de Rousseau, com o discurso jurídico de Montesquieu, com os pensamentos liberais econômicos de Adams Smith, com o direito indígena e principalmente como retrata seu biógrafo com as idéias do iluminista napolitano Gaetano Filangieri, que foi de grande influência para o pensamento revolucionário na América Latina e também para a Norteamericana. (WIÑAZKI, 2006: 34-44)

Com um estudo amplo, muita disciplina e erudição Mariano Moreno volta para Buenos Aires, após concluir seus estudos, carregando consigo como principal bagagem o conhecimento de certos pensadores iluministas, que o levaram a refletir sobre a condição em que se encontravam o Cabildo de Buenos Aires, seus representantes e a sociedade em geral, que deveria não estar mais atrelada ao domínio metropolitana, que em suas reflexões estava próxima ainda a estrutura “feudal” de dominação imposta pela monarquia espanhola.

Para que se possa compreender Mariano Moreno sua formação e atuação política, não pode-se deixar de lado os acontecimentos que levaram a própria construção

do espaço colonial e sua crise. Antes de 1808, alguns traços marcantes devem ser observados para a composição de tais acontecimentos.

Como aponta Noemí Goldman à crise borbonica apontou para uma reforma que será observada não só nas questões políticas, por exemplo, na subdivisão do vice-reino da prata em intendências que levaram a uma maior autonomia local, mas também, a partir da observação de José Carlos Chiaramonte por uma reformulação educacional, com influências do pensamento ilustrado que foi introduzido tanto, nas escolas de primeiras letras quanto nas universidades, por representantes da religião católica, que em fins do século XVIII, reformulariam o pensamento político na América Hispânica. (CHIARAMONTE, 2007: 21-35; GOLDMAN, 2005: 25-35)

Logo, Moreno e seus compatriotas da *Revolução de Maio* partilham aspectos em comum, fazem parte de uma elite intelectual com formação ilustrada, contrária a dominação monárquica, a favor de uma abertura econômica e desejosa do fim dos privilégios de casta e com a crise monárquica instaurada a partir de 1808, ganha vulto, força e expressão. (GOLDMAN, 2009: 7-17)

Essa sociedade tem sua formação acadêmica no próprio espaço colonial, o que traz especificações para a abordagem e construção de seus pensamentos. Um exemplo interessante e quanto à questão religiosa, Mariano Moreno apesar de partilhar diretamente com os ideais da Ilustração, em momento algum estabelece críticas frente à igreja, pelo contrário como é apontado pela biografia de Miguel Wiñazki, em momento algum Moreno foi contrário a Igreja.

Um exemplo que demonstra esse perfil de moreno, não contrário a igreja católica pode ser observado em sua tradução do *Contrato Social* de Rousseau, nela Moreno suprimiu as críticas que Rousseau estabelece frente à Igreja Católica. O que na concepção de Noemí Goldman aponta para a especificidade da Ilustração elaborada na Região do Prata e na América Hispânica em geral, uma Ilustração Católica, promovida pela membros da igreja que também lecionavam nos diversos campos de instrução colonial. (GOLDMAN, 2005: 41-45)

Mariano Moreno, não distante dos intelectuais de Maio, também partilhou dessa formação, já que teve sua formação acadêmica ministrada por tais representantes. No entanto, suas atitudes políticas delegavam a mudança visando à emancipação de Buenos Aires frente à antiga metrópole espanhola.

Dessa forma, de 1806 em diante, Moreno desponta como um dos grandes pensadores políticos aproveitando das invasões inglesas para legitimar a autonomia de Buenos Aires, escrevendo críticas frente à dominação colonial, levantando à importância da liberdade econômica, com feito em seu texto “*representación de los hacendados*”, que enfatiza para a autonomia desses fazendeiros para comercializar com a Inglaterra e não depender mais da exploração da monarquia espanhola, que só traz a miséria e as necessidades, como pode-se observar no trecho abaixo:

Pero no, señor, los labradores de nuestras campañas no endulzan las fatigas de sus útiles trabajos con los honores que la benignidad del monarca les dispensa; el sudor de su rostro produce un pan que no excita la gratitud de los que alimenta; y olvidada su dignidad e importancia viven condenados a pasar en la oscuridad los momentos que descansan de sus penosas labores. Los hombres que han unido lo ilustre a lo útil, ven desmentida en nuestro país esta importante máxima; y el viajero a quien se instruyese que la verdadera riqueza cuando buscando al labrador por su opulencia, no encontrase sino hombres condenados a morir en la miseria. (Mariano Moreno. “Representación de los hacendados”. Setembro de 1809.)

As críticas a monarquia espanhola tornam-se cada vez mais intensas por Moreno e a elite letrada de Buenos Aires, que utilizam como elemento difusor de suas idéias a imprensa periódica. Mais uma vez, desponta a especificidade e importância de Mariano Moreno, que funda *La Gazeta de Buenos Aires*, em 7 de junho de 1810, momento em que ocupava também o cargo de Primeiro Secretário da Junta de Buenos Aires. A Gazeta deveria em suas páginas trabalhar em prol de Buenos Aires e buscar a ilustração o conhecimento para a população, como o autor apontava:

Para o logro de tan justos deseos há resuelto la Junta que salga a luz un nuevo periódico semanal, com el título de Gazeta de Buenos Ayres, el cual, sin tocar los objetos que tan dignamente se desempeñan em el Semanario del Comercio, anuncie al público las noticias exteriores que deban mirarse com algún interes. En él se manifestarán igualmente las discusiones oficiales de la Junta com los demás jefes y gobiernos, el estado de la Real Hacienda y medidas económicas, para su mejora; y una franca comunicación de los motivos que influyan em sus principales providencias, abrirá la puerta a las advertencias que desee dar cualquiera que pueda contribuir com sus luces a la seguridad del acierto. (Mariano Moreno. Fundación da la Gazeta de Buenos Ayres.)

Mais do que informar, a imprensa ganha um caráter de fundamental e através dela se forma o pensamento político e sua reflexão é a partir de uma política pedagógica, que cada impresso deve seguir exemplificando suas idéias, exprimindo o seu interesse próprio e de seus redatores, como o próprio Moreno apontou para a importância de seu jornal, trazer e ampliar o esclarecimento.

O compromisso em difundir mais e mais o conhecimento para a sociedade, e com isso, elevar Buenos Aires a um status cada vez maior de liberdade e autonomia, também pode ser observado num dos atos de grande representatividade desse pensador político, no mesmo ano em que fundou o impresso acima citado, Moreno cria a Biblioteca Nacional em 7 de setembro. Para Miguel Wiñazki. *Tal vez haya sido el acto patriótico más importante de la vida de Mariano Moreno. Tal vez haya sido esa biblioteca el fuego que invento la patria.* (WIÑAZKI, 2006: 93)

Seguindo a base de seus conhecimentos, Moreno não fugiu as suas verdades, as suas crenças de que somente através do conhecimento poderia se chegar a uma idéia de memória, de existência para que nunca mais a população de Buenos Aires fosse dominada.

Los pueblos compran a precio muy subido la gloria de las armas; y la sangre de los ciudadanos no es el único sacrificio que acompaña los triunfos: asustadas las Musas con el horror de los combates huyen a regiones más tranquilas, e insensibles los hombres a todo lo que no sea desolación y estrépito, descuidan aquellos establecimientos, que em tiempos felices se fundaron para cultivo de las ciencias y de las artes. Si el magistrado no empeña su poder y su celo en precaver el funesto término a que progressivamente conduce tan peligroso estado, a la dulzura de las costumbres sucede la ferocidad de un pueblo bárbaro, y la rusticidad de los hijos deshonor la memoria de las grandes acciones de sus padres. (...) Estas seguras ventajas hicieron mirar em todos tiempos las bibliotecas públicas como uno de los signos de la ilustración de los pueblos, y el médio más seguro para su conservación y fomento. (Mariano Moreno. Fundación de la Biblioteca Pública, Gazeta de Buenos Ayres, 13 de septiembre de 1810)

Mariano Moreno, que teve intensa vida política desde 1806, acaba falecendo em 4 de março de 1811, em viagem que realizava para a Inglaterra, país que admirava pelos seus pensadores. Em sua companhia estava seu irmão e biógrafo Manuel Moreno, que retratou com suspeita a morte de seu irmão. Acreditava que Mariano havia sido envenenado e mesmo após resistir bravamente por dias, acabou falecendo em alto mar.

Mariano Moreno possuía vários inimigos políticos e logo a suspeita de mandante de um possível envenenamento pairou na figura do presidente da Junta Cornélio Saavedra, porém nada foi comprovado, seu corpo foi atirado em alto mar junto com a bandeira inglesa, já que estava em uma embarcação dessa nacionalidade, com pompas e salvas de canhão, como um ilustre pensador merecia. Porém, o fato de não ter sido enterrado, marcou ainda mais de notoriedade a imagem tecida por seu irmão, o espírito

de Mariano estava livre e assim poderia continuar a vagar por Buenos Aires em prol de seus ideais.

Sob outro aspecto, sua história estaria presa em páginas escritas, com amor e admiração fraternal, o que de certa forma, alcançaram o objetivo proposto por Mariano Moreno no momento em que vislumbrou a construção da Biblioteca Nacional Argentina, construir através dos livros exemplos para fomentar a construção da Nação.

Sobre Antônio Carlos Ribeiro de Andrada Machado e Silva, sabe-se que nasceu no dia 1º de novembro de 1773, na Vila de Santos, filho do Coronel Bonifácio José de Andrada e D. Maria Bárbara da Silva. Entre seus irmãos e irmãs destaca-se a presença política de José Bonifácio e Martin Francisco Ribeiro de Andrada, todos os três ocuparam importantes posições de destaque na política brasileira do início do século XIX, no entanto, tanto Antônio quanto Martin ficaram em segundo plano frente à imagem de seu irmão mais velho José Bonifácio.

De acordo com a *Galeria de Brasileiros Ilustres*, Antônio Carlos era homem de brilhante erudição, realizou seus primeiros estudos em sua cidade natal, tendo como seu professor o bispo D. Fr. Manuel da Ressurreição, que também teria ensinado a José Bonifácio.

Seu ensino superior foi estabelecido em Coimbra, como era de praxe para grande parcela da elite letrada brasileira da época, tornando-se bacharel em Direito que também era uma marca dessa sociedade. É fundamental ressaltar o entendimento e abordagem das relações de poder no interior da sociedade brasileira da primeira metade do século XIX, a partir de uma elite político-social, que possuía elementos comuns, como a formação acadêmica, em sua maioria obtida em Coimbra, além da pouquíssima mobilidade social, que se tornavam traços determinantes para a manutenção de seu prestígio e poder. (CARVALHO, 1980)

Após concluir seus estudos, Antônio Carlos volta para o Brasil, onde começa sua carreira pública, primeiro como juiz de fora em Santos, ouvidor e corregedor em Olinda e desembargador na Bahia. Apesar de ocupar cargos públicos que poderia direcionar uma proximidade com o ideário governamental da época, ou seja, pró-monarquia Joanina, Antônio Carlos de Andrada fez parte da insurreição pernambucana de 1817.

Ao movimento de 1817 a figura de Antônio Carlos estava vinculada a idéia da maçonaria que desejava elevar Pernambuco a uma condição diferente da que ocupava,

não desejava ficar em segundo plano frente ao Rio de Janeiro. Evaldo Cabral de Mello comenta a importância de Antônio Carlos, primeiramente como Grão-Mestre da maçonaria que vigorava em Pernambuco, no entanto, comenta que o irmão de José Bonifácio era um monarquista constitucional convicto e tentou de certa forma, conter os mais exaltados, inclusive os antilusitanos. (MELLO, 2004)

No entanto, seu espírito conciliador não foi suficiente e acabou sendo vinculado aos revolucionários pernambucanos de 1817, acabou preso no calabouço das cinco pontas, como retratou *Sébastien Auguste Sisson*, autor da *Galeria dos Brasileiros Ilustres*, ficando preso por mais de quatro anos.¹

Depois de sua liberdade foi deputado por sua província, sendo um dos representantes nas Cortes de Lisboa no momento em que se entrava em discussão as propostas liberais da Revolução do Porto. Sua postura foi vista com destaque por Sisson:

Antônio Carlos foi na Constituinte a encarnação viva da reação nacional, que se erguia enérgica contra o passado para abater o absolutismo. Dir-se-ia o gênio altaneiro da liberdade, que quebra as cadeias em cívico denodo, e recupera seus direitos postergados. Sua palavra traduzia as arrojadas inspirações de um patriotismo ardente: parece que o sol dos trópicos depositara em sua alma o raio vivificante de sua luz animadora. (Galeria dos Brasileiros Ilustres. [HTTP://www2.senado.gov.br/bdsf/item/id/1027](http://www2.senado.gov.br/bdsf/item/id/1027))

Após o processo de emancipação política do Brasil, Antônio Carlos Andrada também possuiu destaque frente à elaboração da Assembléia Constituinte de 1823, que tinha como intuito elaborar a primeira constituição brasileira, porém, tal processo constitucional não logrou, pois, apresentou-se próximo às idéias liberais, o que não era visto com bons olhos por Pedro I, levando à sua dissolução.

Para difundir e levar adiante suas posições políticas, Antônio Carlos juntamente com seus irmãos, foram redatores do periódico *O Tamoio*, que possuía como a grande maioria dos periódicos escritos a partir da década de 1820, caráter doutrinário, ou seja, era porta voz das escolhas e pensamentos políticos que os irmãos Andradas tinham como objetivo e verdade política. Um dos fatores para a expressão e a devida criação desse periódico está vinculado à queda do ministério comandado pelos Andradas, e,

¹ Sébastien Auguste Sisson foi litógrafo, desenhista e biógrafo francês, que imigrou para o Brasil na segunda metade do século XIX. Dentre seus trabalhos destaca-se a Galeria dos Brasileiros Ilustres e o Álbum do Rio de Janeiro Moderno.

portanto, o impresso citado servia para criticar o governo, sobretudo os ministros, mas não incluía o Imperador em suas críticas.

Outro traço importante para o periódico citado era sua postura que diferenciava o “ser brasileiro” do “ser português”, características que apontam para a construção de um sentimento nacional e a idéia de vínculo a terra em que se nasce. (RIBEIRO, 2008: 37-63)

Junto com a imprensa no Brasil do início do século XIX, as sociedades secretas, os cafés, as livrarias e a própria rua despontavam como lugares específicos para a proliferação de idéias e suas discussões, e em função da oralidade, perpassava a todos os estratos da sociedade. Os jornais e suas polêmicas constituíam-se como agentes integradores da sociedade, ligando a elite letrada às camadas menos abastadas da sociedade. Desta forma, os principais valores da cultura política, que representavam o mundo Ibero-americano, encontravam nas ruas e nas páginas dos periódicos sua dimensão, transformando os espaços públicos, muitas vezes em locais de construção da opinião pública. (MOREL, 2005)

Assim, a imprensa tanto no Brasil, quanto em Buenos Aires era importante agente político e representava as diversas camadas ou facções políticas, que a partir dos impressos tentavam delimitar seus espaços de influência e de disseminar suas diferentes concepções do agir e entender a ação política.

Antônio Carlos depois de não fazer mais parte do ministério em 1823, acaba novamente deixando a vida pública, sendo exilado na França por mais de quatro anos, volta para o Brasil somente em 1828. Com a abdicação de Pedro I, e o início da regência, Antônio Carlos, como aponta Sisson, parte como enviado extraordinário e ministro plenipotenciário junto à corte de Londres.

Essa alternativa também estava vinculada a própria relação que se estabeleceu entre aproximação dos Andradas a D. Pedro I, que em 1831, deixa de ser o exemplo de brasilidade para ocupar novamente sua nacionalidade portuguesa correspondente a suas atitudes que desagradaram à mesma elite que o legitimou como imperador.

Seu retorno novamente as terras brasileiras só ocorreu em 1835, quando as possibilidades de uma possível restauração findaram com a morte de Pedro I, retornado a vida pública como deputado em 1838.

Sua figura foi expressiva, como aponta o biógrafo Sisson, frente ao processo da Maioridade de Pedro II e sua vida política continuou até 1845, ano de sua morte, quando ocupava o cargo de senador pela província de Pernambuco, fato apontado pelo mesmo Sisson, como um quitar dívidas, ao tão ilustre político de oratória exemplar, mas de vida conturbada, o que torna interessante e necessita um olhar mais detalhado sobre suas ações, seus pensamentos e atitudes, ou seja, sobre sua trajetória de vida.

Ao analisar Mariano Moreno e Antônio Carlos Ribeiro de Andrada Machado e Silva, suas ações políticas, suas questões particulares frente ao seu respectivo tempo observa-se alguns traços de suas específicas sociedades, seus representantes e da política em questão.

Visando estabelecer uma breve visão comparativa como propõem Marc Bloch, tendo tais indivíduos como parte de um contexto maior, ou seja, de certas sociedades, pode-se observar como traços comuns nessas sociedades Iberoamericanas, as elites que ocupavam papel importante na discussão política e que se delimitavam como tal, por possuir não só bens econômicos, mas também ter formação acadêmica.

Nesse ponto pode-se traçar a primeira diferença como foi apontado, na sociedade brasileira as elites letradas como trabalha José Murilo de Carvalho, tinham como marca a realização de estudos superiores em Coimbra tendo, a maioria dos bacharéis estudado direito, enquanto na sociedade do Cabildo de Buenos Aires, sua elite possuía formação que era inicializada e muitas vezes concluída, no próprio mundo hispanoamericano. Essa formação acadêmica acabou refletindo também no entendimento e no reflexo da ilustração para as sociedades, e, por conseguinte em suas respectivas estruturas políticas.

Outro fator de comparação é a imprensa periódica nas duas sociedades abordadas, em ambas ocupa participação fundamental na elaboração da discussão política e disseminação das idéias e partidos políticos. A imprensa possuía caráter político-pedagógico o que fazia com que os leitores de certos jornais apresentassem traços comuns, estabelecendo redes de sociabilidades não só pelos impressos mais também pelos lugares delimitados a leitura e discussão dos mesmos. Tanto mariano, quanto Antônio Carlos utilizaram da imprensa para difundir seus pensamentos e reflexões sobre suas crenças políticas.

Assim, em certo ponto eram coesas, pois eram estas elites que também elaboravam as regras, ou seja, eram essas elites que construía e definiam as leis e a partir de seus interesses que perspectiva política deveria se construir, Monarquia ou República, guardadas as suas devidas proporções, apesar das diferentes concepções de representação política de governo, possuíam em comum um significativo aspecto: ambas foram constituídas por suas elites e tinham o intuito de defender seus respectivos interesses, que ganham ênfase a partir do estudo de seus representantes, de suas ações, pensamentos e anseios, reflexos de uma vida.

Referencias Bibliográficas:

BLOCH, Marc. História e historiadores; textos reunidos por Étienne Bloch. Ed. Teorema.

CARVALHO, José Murilo de. *A Construção da Ordem: a elite política imperial*. Rio de Janeiro, Campus, 1980.

CHIARAMONTE, José Carlos. *Ciudades, provincias, estados: Orígenes de la Nación Argentina. (1800-1846)*. Ed. Emecé. Buenos Aires. 2007. p. 21-35.

_____. *Nación y Estado em Iberoamérica. El lenguaje político em tiempos de las independências*. Buenos Aires. Editorial Sudamericana, 2004. p. 59-89.

DIAS, Maria Odila S. A interiorização da metrópole (1808-1835). In: Carlos Guilherme Mota (org.). *1822: Dimensões*. SP. Perspectiva, 1972. p. 160-184.

Galeria dos Brasileiros Ilustres. [HTTP://www2.senado.gov.br/bdsf/item/id/1027](http://www2.senado.gov.br/bdsf/item/id/1027)

GOLDMAN, Noemí. *Nueva Historia Argentina: Revolución, República, Confederación. (1806-1852)*. Ed. Sudamericana. Buenos Aires. 2005. p.25-45.

MELLO, Evaldo Cabral de Mello. *A outra Independência: o federalismo pernambucano de 1817 a 1824. Ed.34*. São Paulo, 2004.

MOREL, Marco. Em Nome da Opinião Pública: gênese de uma noção. In: Lúcia Maria Bastos P. das Neves & Marco Morel (orgs.). *Anais do Colóquio História e Imprensa*. Rio de Janeiro, UERJ, 1998, p. 93-101.

_____. *As transformações dos espaços públicos. Imprensa, atores políticos e sociabilidades na Cidade Imperial (1820-1840)*. São Paulo, Hucitec, 2005.

MORENO, Mariano. Fundación da la Gazeta de Buenos Ayres. In: GOLDMAN, Noemi (prólogo). *Claves de Bicentenario. El pensamiento de los hombres de Mayo*. Ed. El Ateneo. Buenos Aires, 2009.

RIBEIRO, Gladys Sabina. Nação e cidadania no jornal O Tamoio. Algumas considerações sobre José Bonifácio, sobre a Independência e a Constituinte de 1823. In: Gladys Sabina

Ribeiro (org.). *Brasileiros e Cidadãos: modernidade política 1822-1930*. Alameda Casa Editorial. São Paulo, 2008. p.37-63.

ROSANVALLON, Pierre. Por uma história conceitual do político. (Nota de trabalho). *Revista Brasileira de História*. São Paulo, 15, (30): 9-22, 1995.

WIÑAZKI, Miguel. *Moreno: el fuego que inventó la patria*. Buenos Aires. Ed. Marea, 2006.